

④ Discurso

Exmos. Srs, Representantes das Autoridades Federais e
Estaduais.

Exmo. Sr. Diretor do Colégio Icaraí.

Srs. Bacharelados.

Minhas Senhoras.

Senhores.

As conquistas verificadas no domínio da inteligência são mais notáveis e duradouras que as alcançadas por meio das armas. Grécia e Roma passaram, como nações guerreiras, mas as suas realizações nas letras, nas artes e no direito ficaram, e ainda hoje atestam a alta capacidade criadora desses povos, ^{que continuam} ~~continuando~~ a viver essa vida imortal a que só dão direito as obras do espírito.

Os feitos gloriosos de Milcíades ou de Temístocles, de Pompeu ou Cipião, restringir-se-iam á memória dos contemporâneos, se não fôsem proclamados, aos quatro ventos, pela tuba canora da história; ao passo que as obras dos grandes escritores gregos ~~e~~ e romanos vencem o espaço e o tempo, permanecendo hoje tão atuais, como na época em que vieram á luz da publicidade. Teve razão, pois, Horácio, quando disse que não morreria inteiramente: Non omnis moriar.

É que os guerreiros trabalham para o presente, visando, em tudo o que fazem, á grandeza da pátria; os homens de, cérebro, cientistas ou literatos, constroem para o futuro, procurando o bemestar da humanidade.

Aquí nos achamos, neste momento, senhores, para celebrar u-

ma festa da inteligência. Não é mistér encarecer a significação desta solenidade, porque, todos vós, pais, parentes e amigos, já sabeis perfeitamente o que ela representa.

Não é o braço ^{apenas} que realiza essas trabalhos admiráveis, em que o homem domina os elementos e ^a própria natureza; de outro modo, os animais mais fortes teriam maior eficiência, nêsse particular, que o rei da Creação.

O braço executa, na verdade, mas é a inteligência que lhe dá o traçado, é ela que lhe facilita os meios de tornar o seu esforço produtivo. É a inteligência que impele o homem a buscar, no seio da terra, o filão precioso, a gema rara, tão cubiçada pelos povos cultos; é ela que o conduz a sondar os arcanos marinhos, para arrancar-lhe os tesouros ocultos; é ela que o faz dominar os ares, encurtando as distâncias; é ela, numa palavra, que o leva a utilizar-se de todos os recursos, para tornar a vida menos penosa e, portanto, mais apetecível.

Foi, com verdadeira estranheza, que li, numa crônica de Coelho Neto, um passo, em que êle, falando da excursão do "Paulistano" á Europa, disse haver Friendenreich, ^{celebre} ~~afamado~~ balipodista bandeirante, tornado o Brasil mais conhecido no Velho Mundo, com o pé, que Rui Barbosa, com a cabeça.

O grande escritor patricio, glória imperecível das nossas letras, a meu juiz se não quis divertir os seus leitores, com um contraste capaz de lhes despertar o riso, fez ironia, e fina, mostrando assim que os esporte preocupava mais a atenção do europeu, que as grandes questões de interêsse vital para as nações.

Senhores Bachareis.

Durante muito tempo, estive a pensar comigo no motivo que vos demoveu a escolher-me para vosso paraninfo, nesta solenidade. Se um aparecia, com visos de probabilidade, logo uma razão contrária, se me antolhava, patenteando a sua inconsistência.

Depois de muito meditar, creio tê-lo finalmente descoberto.

Elegestes o vosso professor de latim, e não outro, de propósito deliberado, porque quisestes dar públicamente uma prova da vossa dedicação a todas as disciplinas do curso, que tão brilhantemente acabais de terminar.

Se outro fôsse o vosso paraninfo, poder-se-ia pensar, que, na vossa escolha, influira o aprazível da matéria; ^{por isso} ~~entretanto~~, fostes procurar justamente aquele que leciona uma das cadeiras mais difíceis e ingratas do currículo ginásial. Com isso, ficou de sobejo provado que não tivestes preferência, tanto vos merecendo o latim, como as matemáticas, as ciências naturais e quejandas outras.

Por outro lado, a vossa eleição se me afigura como um protesto mudo contra a indiferença que todos manifestam pelo estudo ^{desta} ~~disciplina~~ ^{de} ~~latim~~. Nos programas de ensino, tão pequena parte ocupa ^{de} que não estranharei, se amanhã a abolirem de todo. Digo isso, porque, nas reformas sucessivas, com que os srs. Ministros assinalam a sua passagem pelo Departamento da Educação, tem sido o ensino do latim grandemente prejudicado.

Se, de uma parte, assim ^v obram os representantes do poder público; de outra, o povo, na sua miopia intelectual, acha que o seu estu-

4

do é, de feito, inútil, porque não vê, para êle, aplicação prática e imediata.

É uma filosofia de vistas curtas, essa, que entre as coisas só procura relações próximas e imediatas. Para que dotou Deus ao homem dessa centelha divina - a inteligênciã, senão para que pudesse penetrar o segredo delas, nas sua mais remotas origens e relações?

Esse imediatismo, que tanto empolga os espíritos modernos, é sintoma alarmante da decadência de um povo, é uma forma disfarçada de materialismo.

Não há ciência em que se não exijam a correção da linguagem e as graças do estilo. Isso já afirmava Garret, com aquele aticismo, que sabia pôr em tudo o que lhe saia da pena. Como conseguir, porém, essas qualidades, sem o conhecimento do latim, língua da qual a nossa nada mais é que uma evolução natural e espontânea?

A toda a luz é falsa ^a afirmação, hoje repetida e consagrada, de que o idioma do povo romano morreu. Essa ~~afirmação~~ ^{asserção}, que envolve uma grande ignorância dos assuntos de ~~linguística~~ ^{linguística} românica, merece combatida por todos os professores de latim. ~~e português~~.

O idioma de Cícero não morreu, mas aí está vivo, vivo e como o que mais o esteja, embora transformado pelas influências diversas de tempo, lugar e costumes, nessa floração admirável que são as línguas novi-latinas.

Nem se diga que a correção da linguagem não é exigida ao médico, ao engenheiro e ao advogado, quando tenham necessidade de falar ou escrever. Já afirmou célebre escritor lusitano: "Escreva alguém com dobrada erudição e engenho o Espírito das Leis, mas sem os

encantos do estilo clássico de Montesquieu , e veja quantos lh'o leem."

Demais, a história do povo romano é uma lição majestosa e perene, que deve servir de exemplo aos povos modernos do quanto pôde realizar uma nação, cujas origens foram tão modestas e humildes.

Nascida provavelmente da consequência das lutas políticas com Alba-Longa, Roma, sôbre cuja fundação pairam tantas lendas e fantasias, foi a princípio um pequeno povoado, estabelecido ás margens do Tibre, que lhe facilitava as comunicações externas, no ponto de convergência das duas grandes vias, que ligavam o norte ao sul da Península.

Graças a uma série de circunstâncias a que não foi, por certo, estranha a sua posição favorável, o pequeno arraial se tornou cidade florescente, que se ampliou em curto espaço de tempo, avassalando as colinas e vales circunvizinhos.

Encravado no meio de povos diversos e belicosos, com os quais devia continuamente lutar, não foi difícil ao povo romano apurar as qualidades guerreiras, que o levaram a submetê-los, constituindo essa unidade maravilhosa, que foi o segredo principal das suas vitórias.

Consolidadas as conquistas internas, não se desvaneceu o sonho de ^{domínios} ~~conquistas~~ da gente itálica, que tinha sobejos motivos para aspirar ao ^{governo} ~~domínio~~ do mundo.

As suas armas incontrastadas foram de triunfo em triunfo. Assim, quebraram a resistência cartaginesa, depois de uma longa e porfiosa guerra; reduziram ao silêncio as investidas gaulesas, onde a astúcia e a intrepidez de Cesar obraram prodígios; romperam a tenacidade dos lusitanos, não recuando mesmo ante o assassinio de Viriato; submeteram o litoral ilírico, a Acáia, a Ásia Menor, a África do Norte, em

6

suma, dominaram todo o mundo conhecido.

E já que aludimos ao gênio conquistador dêsse grande povo, não será também supérfluo lembrar os nomes dos grandes vultos que, de algum modo, colaboraram na árdua empresa de aumentar e fortalecer o poder ^{pátrio} romano. Assim, incumbe-nos o dever de falar num Múcio Cévola, que sacrificava heroicamente o braço, para se castigar do êrro de haver assassinado ^{em vez de} Porsena, invasor da sua pátria, ao ~~seu~~ secretário ^{dêste;} num Horácio Cocles, que, sózinho, se opõe a um exército inteiro de inimigos, na ponte Sublicius; num Atílio Régulo, que, prisioneiro, enviado pelos cartagineses ao Senado Romano, para o convencer da necessidade da paz, ao contrário lhe aconselha a continuação da guerra, embora soubesse que isso lhe custaria a vida; num Ápio Cláudio, que ao mensageiro de Pirro victorioso responde altivamente não poder tratar da paz, enquanto este se conservasse em territórios da Itália; nos dois filhos de Cornélia, Tibério e Cáio Graco, que morrem pela causa dos desprotegidos, procurando reivindicar os seus direitos; num Fábio Cunctator, num Camilo, num Pompeu, num Cesar, num Trajano, etc. E seria infindável a lista, se quisesse ^{mencionar} citar os nomes de todos os varões de progénie latina, que desempenharam papel importante na história da ^{suá} nação romana, porque não há página, onde se não encontre pelo menos um, que mereça as honras de uma ^{citação} menção.

Não admira, pois, que o destino de Roma fôsse tão grandioso, possuindo um número inumerável de homens de tal têmpera, cada um dos quais só por só bastaria para dar lustre e glória a uma pátria.

Mas, dado que o estudo do latim se não justifique pela necessidade de apurarmos as nossas virtudes cívicas pela dos heróis romanos, ou ainda pela de conhecermos suficientemente a nossa língua, ou-

tros motivos sobejam para isso, como o de ordem religiosa, e literária, e jurídica.

Com efeito, quando Jesus Cristo, cumprida a sua missão, quis estabelecer definitivamente a sua Igreja, na terra, elegeu, entre muitas cidades, aquela que, no momento, era a cabeça política do mundo.

Como é sabido, a língua que então aí se falava era o latim.

Foi, pois, em latim que os apóstolos levaram os mais intransigentes adeptos do paganismo á convicção das idéias cristãs, realizando conversões admiráveis, vezes sem conto entre os próprios assistentes aos sacrifícios, onde se imolavam as vítimas imbeles do novo credo religioso.

Em latim, ^{reputo,} é que se entenderam ~~conferências~~ ^{neófitos} e semeadores da palavra do Evangelho, discípulos e mestres, consolando-se e estimulando-se mutuamente nas penas e dores, no retiro dos logradouros pouco frequentados da cidade ou no recesso silencioso das catacumbas. Em latim, é que o chefe da Igreja nascente escreveu as suas admiráveis epístolas, repassadas de uma união tal que, volvidos tantos séculos, ainda nos comove. Em latim, é que compôs Plínio o Moço as suas admiráveis cartas sôbre a religião nova, tranquilizando, em seu sôlio, o imperador romano, quanto aos propósitos dos cristãos. Em latim, é que ^{se expuseram} os doutores da Igreja, nas assembléias e concílios, exaltando a verdade e combatendo o ~~o~~ ~~r~~ ~~ê~~ ~~r~~ ~~r~~ ~~o~~ ~~r~~. Em latim, é que pregaram e compuseram obras notáveis Sto. Agostinho, S. Jerônimo, Sto. Tomás, S. Bôaventura e outros. Em latim, é que ainda hoje se dirige Sua Santidade aos católicos de todo o mundo, bispos, padres e ~~em~~ ~~fiéis~~, num exemplo permanente de conservação da língua, que é uma das glórias da civilização cristã.

E essa língua, em que se nos fala nos momentos mais soles da vida: na pia batismal, quando se nos abre o caminho para todas as graças e ~~se nos dá~~ ^{integrá} ~~not~~ ^{seid} do cristianismo; no confessionário, quando se nos desliga das penas eternas, depois do batismo, e se nos faz ^{em} antegozar, na terra, as alegrias do céu; perante o altar, quando nos unimos a alguém, que julgamos imprescindível á ^{nossa} existência, ^{pelo} ~~no~~ sacramento do matrimônio; e finalmente, na hora do supremo ~~adeu~~ ^{adeu} deus, quando os nossos olhos se anuviam e ^{no} ~~parece~~ ~~em~~ ~~estranho~~ ~~e~~ tudo o que nos cerca, essa língua, ^{ouso frisar} ~~repto~~, deveria merecer da nossa parte um pouco mais de desvelo e carinho.

Mas se isto não basta, ^{se, seria licito ainda apontar} ~~há outro motivo poderoso que nos po~~ ~~de levar ao seu estudo e conhecimento.~~

que o latim possui uma rica e seleta literatura, tão rica e tão seleta, que bem poucas imagens e pensamentos se encontrarão, nos grandes escritores ^{subsequentes} ~~de todos os tempos~~, que, em germe ou desenvolvidamente, se não entrevejam nas obras dos literatos romanos.

No desenvolvimento ^{inte}lectual dos povos, sobretudo ocidentais, é inegável que á literatura latina toca um papel bem saliente. ^{Partante,} Assim, o Renascimento, êsse período de luz e esplendor nas artes e letras, nada mais foi que uma consequência natural dos estudos clássicos do grego e, principalmente, do latim. Bom tempo êsse em que, segundo o testemunho do douto humanista André de Resende, os assistentes ás aulas de Nicolau Glenardo, mestre do Infante D. Henrique, falavam correntemente o latim.

Lastimável é, senhores, que os nossos literatos, em ^{lugar} ~~vez~~ de se applicarem ao idioma imortal, façam do conhecimento do francês a sua

9

preocupação exclusiva, do francês que lhes inquina o estilo, dando-lhes á linguagem um cunho galicano.

Haverá, por acaso, na França, algum poeta mais notável que Vergílio, Horácio e Ovídio? orador mais eloquente que Cícero e Hortênsio? comediógrafo mais senhor da sua arte que Plauto e Terêncio? historiador mais aparelhado para o seu mistér que Tácito, Tito Lívio e Sallústio? moralista mais austero que Sêneca e Marco Aurélio? satírico e epigramatista mais contundentes que Juvenal e Marcial? Por que, então, essa mania ^{da} ~~para~~ literatura francesa?

Os grandes mestres da língua ~~francesa~~, como Ronsard, Rabelais, Montaigne, Racine, Corneille e Boileau, devem a sua glória, em grande porção, ao conhecimento do latim, cuja literatura lhes era familiaríssima. (9 li)

É tempo, portanto, de volvermos os olhos para esse idioma glorioso, tão rico no seu vocabulário, como elegante na sua sintaxe, em que um grande povo revelou todas as suas energias, acumulou todas as suas riquezas. Façamos isso, e dias melhores surgirão para as nossas letras, cuja decadência, apesar de tudo, somos forçados a reconhecer.

.

No cenário que se nos defronta, descortino astros, iluminando horizontes novos, com a luz promissora de ideais realizáveis, e crepúsculos, prenunciando noites de ~~trevas e tristezas~~. É que, neste instante, senhores bachareis do Colégio Icarai, somos trabalhados por dois sentimentos contrários: ~~de~~ alegria nos que se vão para novas esperanças e ~~de~~ tristeza nos que ficam, amargando a dor da ausência dos que se partem.

No direito, não será inoportuno dizer, embora todos o saibais, que nenhum povo foi tão longe, como o romano. Os ^{nomes dos} seus jurisconsultos transpõem os séculos e as suas obras, contra todas as previsões da ordem natural das coisas, não se desmerecem com o atrito dos anos, mas cada vez avultam mais.

Apesar da criação de novos institutos, determinadas pelas necessidades emergentes, as normas por êles traçadas estão ainda de pé, mais firmes que a rocha ou o bronze, porque são indestrutíveis como a verdade.

Perquerí os códigos das várias nações modernas, e lá encontrareis, mais que simples vestígios, os traços marcantes e indeléveis dessa legislação incomparável, que ainda hoje nos causa assombro, pela sua excelência e homogeneidade.

Nem vos supomos, com isso, indiferentes aos que ^{permaneceu} ficam á margem da estrada, porque seria uma ofensa aos vossos sentimentos de nobreza, mas é natural que a alegria da partida e a preocupação dos triunfos próximos vos absorvam, deixando pouco espaço á tristeza desta hora; entretanto, os que ficam, sem outro estímulo que a própria saudade, não de sentir o seu agulhão ^{luz vinda} bem fundo dilacerar-lhes as fibras da alma. Não importa que ^{de repente} sintam, das vitórias que alcançardes, um consolo para os seus abatimentos e amarguras. A dor de uma saudade não se extingue com êsses paliativos.

Chegai aos lábios do febricitante a água que lhe minore as ânsias, estas voltarão apenas ^o passe ~~o~~ efeito momentâneo do precioso líquido. Assim, a saudade.

Foi, se me não engano, Tomás Antônio Gonsaga, que comparou a saudade a um abutre:

"Devora o coração que mal palpita
o abutre da saudade"...

A comparação é bem perfeita, mas esqueceu-se ^{o poeta} de dizer que êsse abutre é semelhante áquelle que, na rocha Tarpéia, devora as estranhas de Prometeu. Não há fugir a êle, porque nos acompanha, onde quer que nos achemos, no dizer de Catulo:

"...A saudade
que faz a gente pená,
é cumo a lua que sempre
vai acumpanhando a gente
p'ra toda a parte onde vá".

11

E essa dor, que nos oprime o coração, que o vai matando aos poucos, é mais dura que própria morte, no pensamento de Gonçalves de Magalhães:

"Menos dura é a morte que a saudade".

Tã^o arraigadas permanecem em nosso espírito as consequências fatais da saudade, que Luís Murat, ao ~~tesser uma das suas brilhantes quadras,~~ ^{afirmar que a saudade não mata de uma vez,} começa por dizer que não mente;

"Pensam que minto, talvez,
que estou faltando á verdade:
não há no mundo saudade
que mate só de uma vez".

Quis compensá-los, meus amigos, da minha prosa estafante, e por isso entrosei, no meu aranzel, essas gemas da nossa poesia; o momento, entretanto, é solene de mais, para nos entretermos, com divagações da fantasia.

Novos rumos se vos deparam, na continuação do vosso curso; ~~de~~ ^{de um;} para um, a engenharia merece as preferências; ~~o~~ ^o outro, coartrai o direito; um terceiro se inclina para a medicina. Não faltará mesmo quem procure carreira mais modesta. Não importa. Não é carreira que nobilita o homem, mas, sim, êste é que a enobrece.

Antes de abraçar ^{em} qualquer ~~gênero de estudos superiores,~~ ^{profissão liberal,} pensai maduramente se nêla encontrareis a almejada felicidade. Para isso, consultai as vossas tendências e disposições. Não deixeis coisa que tanto vos interessa ao cuidado de terceiros. Nem é bem que êles tomem isso a peito, porque a vocação é uma coisa muito íntima,

cujos segredos só possuem aqueles a quem Deus ~~a~~ concedeu.

Fazei da vossa profissão, qualquer que ela seja, não um meio de alcançar haveres, como o burguês egoísta, para quem a vida apenas encerra de bom os prazeres materiais, mas um instrumento de bondade, cujo objetivo único seja o bem estar dos vossos semelhantes.

Quando sairdes a campo para defender uma idéia, pesai primeiro se estais convencidos da sua verdade. No caso afirmativo, batei-vos por ela, com o denodo e a nobreza dos paladinos medievos. Só o covarde se retira da liça, quando está convencido da justiça da sua causa.

O homem foi plasmado por Deus para andar com a espinha dorsal erecta, contemplar, de frente erguida, esse imenso poema que é natureza. Assim, deve êle viver, sobranceiramente, como o ser mais nobre da Creação que é.

Dobrar-se como as criaturas inferiores, os animais irracionais, cujos destinos ^{na terra} aqui se completam, é descer dêsse pedestal de glória, em que o colocou a mão do Onipotente.

Conservai sempre puro o espírito de brasilidade, que sentimos ^{impedidamente} se ir apagando hoje aos poucos, ^{no seio do nosso povo} ~~em muitas~~ ^{nossa terra} ~~almas~~, em face das imigrações sucessivas, que vão canalizando para o nosso meio, com o sangue estrangeiro, idéias, costumes e métodos alienígenas. Orgulhai-vos ^{vossa qualidade de} ~~de~~ ^{em qualquer parte e} brasileiros, confessai-vos sempre ^{as nossas produções, stimulate} brasileiros, agi como brasileiros. Seja vossa preocupação constante incentivar ^{esta} a arte e a indústria nacionais, acoroçoando os que a ela se dedicam, ~~pela~~ ^{em} procura, no mercado, de seus produtos, para que entre nós nunca se ouça a verdade amarga que acerca de Portugal escreveu Leite de Vasconcelos: "Hoje, cus-

13

ta afirmá-lo, a nacionalidade é para grande número de indivíduos palavra vã: só o que se faz lá fora merece elogio. Por isso quasi se não vêem nas nossas lojas senão artefactos vindos de fora, e a muitos dos de cá põem-se rótulos estranhos; por isso nas nossas publicações artísticas, em vez de autores nacionais, colaboram frequentemente estrangeiros; por isso quem vai ao teatro, quem lê o folhetim de um jornal, quem abre um livro de aulas, encontra de ordinário produções francesas, ou macaqueadas do francês. Depois, se alguém prega contra isto chamam-lhe maçador, reaccionário, purista. Como se o primeiro dever do cidadão não fôsse amar a sua pátria, respeitar a sua estirpe".

Nesta hora de despedidas, em que o meu coração se confrange como o vosso, nenhum outro pensamento me ocorre, senão o do velho comandante da fragata Amazonas, êsse Barroso imortal, de tantas glórias: "O Brasil espera que cada um cumpra o seu dever".

Cumpri o vosso dever, meus amigos, cumpri-o com o desassombro das pessoas de bem, sem respeito ás conveniências sociais e sem temor aos criticos ~~estros~~ da última hora. As pedras que êstes vos atirarem, e podeis estar certos de que ellas vos não faltarão, serão outras tantas rosas, para esmaltar a estrada do vosso triunfo. Cumpri o vosso dever, qualquer que seja a esfera de vossa actividade, e tenho fé, sim, tenho fé, porque creio ^{na pujança da vossa força} nas vossas possibilidades, em que a nossa amada pátria conhecerá êsses dias de ventura, que não vêm longe, essa idade de ouro de que nos fala Vergílio, a que ella tem direito pela beleza de seu céu, pelo volume dos seus cursos d'água, pela extensão das suas florestas e campos, pela multiplicidade de seres da sua fauna e flora, numa palavra, pela imensa, inavaliável riqueza do seu subsolo.

Benditos sereis, de nós e das gerações futuras, se congregardes todos os vossos esforços, se empregardes todas as vossas energias, no sentido da grandeza do nosso querido Brasil.